

IMIGRAÇÃO, REFÚGIO E DESIGN: os artefatos dos viajeros Warao

IMMIGRATION, REFUGE, AND DESIGN: The Artifacts of the Warao Travelers

AGUIAR, Laís Vitória Cunha de; Mestranda; Universidade de Brasília (UnB)

lahvitoria10@gmail.com

SILVA, Tiago Barros Pontes e; Doutor; Universidade de Brasília (UnB)

tiagobarros@unb.br

Resumo

Esse texto tem por objetivo discutir a aproximação entre as características de nomadismo e a materialidade dos artefatos cotidianos apresentadas por Barbosa (2012), assim como situação atual dos Warao, abordada por Tardelli (2023). Entende-se que as reflexões podem acrescentar à perspectiva descolonizadora de interação com os Warao. Ao mesmo tempo, o estudo é inspirado pela abordagem da Teoria Ator-Rede (Latour, 2012) na busca por uma alternativa para se compreender e representar as tensões e contradições dos Warao acumuladas historicamente com o próprio meio-ambiente e com os artefatos utilizados em suas atividades cotidianas. Para tanto, é sugerida a categorização de Bruno (2000), na qual os equipamentos e instrumentos são analisados segundo o cotidiano humano (repouso e religiosidade, trabalho, sociabilidade, entretenimento, alimentação, armazenamento, higienização, segurança). Neste sentido, esta perspectiva pode orientar futuramente a confecção de cartografias de controvérsias para expressão do conhecimento produzido.

Palavras-Chave: design; imigração; Warao; artefatos cotidianos.

Abstract

This text aims to discuss the convergence between the characteristics of nomadism and the materiality of everyday artifacts as presented by Barbosa (2012), as well as the current situation of the Warao people, addressed by Tardelli (2023). It is understood that these reflections can contribute to a decolonizing perspective of interaction with the Warao. At the same time, the study is inspired by the Actor-Network Theory (Latour, 2012) approach in seeking an alternative to understand and represent the historically accumulated tensions and contradictions of the Warao with their environment and the artifacts used in their daily activities. To this end, Bruno's (2000) categorization is suggested, in which equipment and instruments are analyzed according to human daily life (rest and religiosity, work, sociability, entertainment, food, storage, hygiene, security). In this sense, this perspective can guide the future creation of controversy maps to express the knowledge produced.

Keywords: design; immigration; Warao; everyday artifacts.

1 Introdução

Os Warao são um povo originário da Venezuela, especificamente da região do delta do Rio Orinoco. De acordo com o Censo de 2011, eles são hoje a segunda maior etnia da Venezuela, com cerca de 49 mil pessoas. A partir de 1920, as missões religiosas modificaram o modo de vida da população e, a partir de 1960, graças a intervenções como hidrelétricas e crises sanitárias, como a de cólera em 1990, começaram a migrar para os centros urbanos, como Tucupita, Barrancas, entre outras cidades. A maioria dos indígenas mortos na crise da cólera eram da etnia Warao (cerca de 500 pessoas). É importante esclarecer que, na atualidade, há também outras causas para seu deslocamento, como a deterioração das florestas, a invasão de seu território por agricultores, pecuaristas, petroleiros e narcotraficantes, ou mesmo a falta de meios essenciais, como recursos alimentares e sanitários (Rosa; Tardelli; Roa, 2024).

A população começou a migrar para o Brasil em grandes fluxos a partir de 2014, com o agravamento da crise política e econômica no seu país de origem. De acordo com a base de dados do proGres, temos hoje registrados 4.000 Waraos no Brasil. Destes, quase 50% são crianças e adolescentes, 88% vivem nos estados do Amazonas, Roraima, Pará e os 12% restantes estão distribuídos por outros estados (Rosa; Tardelli; Roa, 2024). Existe um grupo desta etnia que vive no Distrito Federal. Eles habitam a periferia da cidade de São Sebastião. São 120 pessoas que moram no espaço concedido por uma instituição que está responsável pelo projeto realizado com os Warao, denominada Cáritas. Porém, a Cáritas pretende usar o espaço para receber imigrantes de modo geral, não apenas os Warao. Por isso, está em aprovação a construção de um complexo de prédios que terá em vista pessoas não-indígenas, o que torna a situação da população Warao presente no espaço demasiadamente fragilizada.

Portanto, o presente estudo consiste em uma investigação exploratória deste grupo social originário Warao e do território em que habita, uma chácara na periferia de São Sebastião, no Distrito Federal. Essa foi uma demanda da própria Cáritas, e tem por origem a visão da organização das dificuldades enfrentadas pelos imigrantes e requerentes de refúgio presentes no local. A pesquisa se inicia com o levantamento da percepção dos refugiados Warao sobre o momento em que estão enquanto nômades, assim como as questões que enfrentam no local que habitam. A partir desta perspectiva, busca-se uma abordagem para investigar a articulação entre os artefatos inerentes ao seu cotidiano as atividades habituais deste grupo social.

De acordo com o responsável pelo projeto da Cáritas com os Warao, uma das questões mais importantes envolve a alimentação, pois comem apenas *arepas*, Coca-Cola e salgadinhos, o que consiste em um problema para a saúde da população. Além disso, há a questão do lixo, já que o descartam pelo chão, assim como as roupas que consideram velhas, o que se torna um problema não apenas para eles, mas também para a comunidade local. Portanto, percebe-se que existem questões importantes sobre a maneira como os alimentos são preparados ou consumidos, assim como com a relação que possuem com as suas vestimentas e a noção de descarte, que conflitam com o seu território atual em dimensões socioculturais, de saúde e de conservação do ambiente.

Além disso, o responsável da Cáritas identificou que a maioria deles ainda não pediu refúgio, o que legalmente teriam direito. Ademais, há a questão da independência econômica, pois eles produzem objetos para venda, mas tem dificuldade em comercializá-los. Com isso, pedem dinheiro pela cidade em que vivem e nos seus arredores, o que, de acordo com a Cáritas, traz uma tensão com a comunidade local. Eles querem permanecer no local em que estão, porém passam o dia fora pedindo dinheiro nos sinais.

A partir do ponto de vista da Cáritas, os Warao não querem usar parte do espaço que foi destinado para eles devido a sua configuração, como, por exemplo, os quartos. Eles usam redes na parte de fora da casa. Tampouco usam a cozinha: criaram um fogão na parte de fora para cozinhar suas *arepas*, e esse local se tornou o principal centro da vida deles enquanto comunidade. Diferente do ponto de vista da instituição, em vez de abordar a situação como uma inapropriação, buscamos compreender o fenômeno enquanto solução de design encontrada pela população para permanecer com seus costumes e sua cultura em um espaço que não foi arquitetado de acordo com as suas necessidades. Consideramos que o registro desta materialidade elucida o caráter cultural destes artefatos, evidenciando as distintas perspectivas que revelam outros modos de vida.

Assim, a pesquisa se origina na visão institucional das questões enfrentadas pelos imigrantes e requerentes de refúgio Warao presentes no local. Apesar disso, o objetivo do presente estudo não é o de resolver as demandas da organização, mas sim entender a percepção dos Warao sobre elas a partir da compreensão de suas atividades cotidianas mediadas pelos artefatos que materializam sua perspectiva cultural. Neste sentido, busca-se situar seu cotidiano na compreensão da visão dos Warao em relação ao território que estão ocupando atualmente, o caminho que fizeram para chegar até ali e o que desejam para o seu futuro. Trata-se de uma etapa de um estudo maior, no qual o presente relato está inserido.

Aqui, o que se busca é uma reflexão que permita subsidiar etapas empíricas posteriores que mesclam abordagens de design e o método etnográfico para registrar a articulação entre os objetos de seu cotidiano e seu processo de significação e relacionamento social, visando esclarecer os seus entendimentos, motivações, conflitos e desejos. Como consequência, é almejado que, posteriormente, eles possam se apropriar das questões representadas com menor interferência nossa para lidar com algumas das tensões acumuladas em seu território atual. De certa forma, essa é uma tentativa de mediação, mas sem perder de vista a assimetria de poder que existe entre a instituição e um povo que vem sendo colonizado desde o século XVII, e cuja situação econômica é consideravelmente frágil e dependente dela.

Contudo, informamos que a etapa empírica do estudo ainda está em avaliação por um Comitê de Ética em Pesquisa. Ela deve envolver coleta de dados em campo a partir de um estudo etnográfico que mescla observações globais participativas e entrevistas abertas semiestruturadas. A partir deste estudo, são propostos registros para representar o conhecimento levantado, como cartografias, assim como podem surgir colaborações na proposição de artefatos mediadores que podem ser utilizados em oficinas e grupos focais para discutir com eles as contradições e conflitos oriundos dos processos de significação distintos entre eles, seu ambiente e a comunidade local.

Portanto, esta primeira etapa conta com as questões teóricas que norteiam a investigação em conjunto com diálogos realizados com interlocutores institucionais, responsáveis pelo projeto com os Warao na Cáritas. A partir desta articulação, são propostas questões que devem orientar a confecção de instrumentos para a coleta de dados em campo. Assim, o contexto do povo Warao, suas características contemporâneas e os objetos que constituem suas atividades cotidianas são apresentadas e discutidas no decorrer do texto. Assim, o relato segue como um ensaio que relaciona o contexto dos Warao em São Sebastião com o corpo teórico levantado na busca por afinidades, reflexões e *insights* que favoreçam etapas empíricas posteriores de mapeamento.

Para tanto, algumas das características do nomadismo, como definido por Barbosa (2012), em seu livro *Design sem fronteiras: a relação entre nomadismo e sustentabilidade*, foram utilizadas e comparadas com a tese de doutorado de Tardelli (2023), *Entre o poder colonial e a razão*

humanitária. Em especial, são abordados os momentos do percurso cíclico que o nômade atravessa, propostos por Barbosa (2012), confrontados com os levantamentos realizados por Tardelli (2023) sobre o contexto histórico específico dos Warao.

Além disso, busca-se verificar a aplicabilidade das categorias propostas por Bruno (2000) para classificar os objetos de uso diário a partir de atividades humanas, na qual são considerados equipamentos e instrumentos de repouso e religiosidade, trabalho, sociabilidade, entretenimento, alimentação, armazenamento, higienização, segurança. O que se espera, a partir da proposta de Barbosa (2009), é que as novas perspectivas atravessem as categorias iniciais propostas em soluções híbridas, como os mobiliário-ferramentas ou o vestuário-equipamentos, conforme ela exemplifica.

2 Migração, nomadismo e antinomadismo

Para Ramos (1991), é senso comum entender a mobilidade espacial dos indígenas como nomadismo, descrevendo a necessidade de se mudar para encontrar novas caças, fazer novas roças. Para os Yanomami, isso acontecia a cada três quilômetros durante três ou cinco anos. Para a autora, para quem os visita com frequência, “esses movimentos são quase imperceptíveis (...), mas surgem bastante acentuados quando retornamos depois de anos de ausência”. Já para Deleuze e Guattari (1997, p. 52), “é falso definir o nômade pelo movimento”, e sim pela necessidade de migrar. Neste processo, há uma rota, um caminho que é considerado importante. Eles inclusive falam da mudança no próprio território em busca de água ou habitação. Em perspectiva mais ampla, Kronenburg (*apud* Barbosa, 2012) sugere que o nomadismo se relaciona com a escassez dos recursos.

Contudo, nesta perspectiva existe uma sobreposição conceitual com os povos migratórios quando se aborda o nomadismo. Barbosa (2012) sintetiza o pensamento de Deleuze e Guattari (1997) sobre a diferença entre os migrantes e os nômades. A autora afirma que os migrantes se deslocam de um ponto a outro, muitas vezes de maneira incerta e imprevista. Eles possuem um senso de jornada, de modo que o chegar é importante, assim como o que se aprende no caminho. Já a perspectiva dos nômades se insere em um território. Eles seguem trajetos costumeiros em busca de água, habitação ou assembleia.

Assim, para os migrantes existe um ideal de sedentarização, uma reterritorialização, na qual as pessoas percorrem trajetos fechados, espaços estriados, de modo que abandonam o meio em uma sucessão de operações locais. Já para os nômades a vida existe em um intervalo, em trajetos abertos, espaços lisos que podem crescer em todas as direções. Eles não abandonam o meio, vivem em um habitat vinculado ao itinerário, ou seja, não delimitado e sem movimento relativo.

Ao aproximar esta perspectiva teórica do contexto dos Warao, Tardelli (2023) discorda da adoção do termo nomadismo.

A problemática categoria coleta juntou-se a ideia errônea segundo a qual os Warao seriam um “povo nômade”. Durante o meu trabalho de campo, escutei atores estatais, militares e trabalhadores humanitários emitirem as seguintes impressões: “Eles gostam de andar, né?”; “eles são nômades, estão em toda parte”. Alguns desses atores foram utilizados como fonte para a produção de matérias jornalísticas. (Tardelli, 2023, p.205)

Assim, para o autor, os Warao não possuem modo de vida nômade, pois esta não é uma característica cultural deste grupo. A sua mobilidade consiste em um fenômeno social complexo, composto por diversas motivações que envolvem dimensão material, afetiva e espiritual. Neste sentido, entende-se que o uso do termo nômade pode invisibilizar um processo de intervenção territorial decorrente de relações de poder e de dinâmicas políticas.

(...) penso que conceitos como os “povos nômades”, “tribo”, “povos marginais”, “caçadores” e “coletores” são utilizados a fim de se delimitar e classificar quem seriam os “civilizados” e quem seriam os “primitivos”. Tal terminologia faz parte de um acervo colonial amplo que é atualizado e ao qual se recorre para a elaboração de discursos e práticas contemporâneas, notadamente voltadas para o exercício de poder contra povos e territórios indígenas. (Tardelli, 2023, p.206)

Por isso é preciso enfatizar que o presente estudo não utiliza o termo nomadismo de forma coloquial ou neoimperialista, e sim a partir da adoção da afinidade sugerida por Barbosa (2009) com o campo do design. Neste sentido, no presente estudo, o conceito de nômade é entendido de maneira mais ampla, como povos que carregam o que precisam com eles, se movem por razões específicas, em rotas precisas; entrosam-se num ambiente novo; seu espaço é transitório, mal delimitado. Ademais, os próprios Warao se intitulam “viajeros”, como explicitado na palestra do próprio Tardelli realizada na Universidade de Brasília intitulada Somos viajeros: caminhos e descaminhos dos Warao no Brasil. Por isso, a presente proposta é apoiada na perspectiva da compreender seu percurso.

Segundo Barbosa (2012), este ponto de vista se diferencia da apropriação recente do termo, denominada de antinomadismo, compreendido por pessoas que têm uma base específica para a qual retornar; fecham-se num ambiente artificial, criado com linguagem internacional comum; seu espaço possui limites bem demarcados (Kronenburg *apud* Barbosa, 2012, p. 21).

Também usando o conceito de Kronenburg, a autora explica que há diferença entre os antinômades, que mudam por escolha (como prestadores de serviço), e os nômades, que mudam por necessidade. Para ambos os autores, os nômades podem estar envolvidos em algum tipo de calamidade, como ambiental, humanitária, até mesmo os desabrigados e moradores de rua são vistos como nômades. Portanto, essa é uma visão mais abrangente do conceito de nomadismo, delimitado para evitar as questões apontadas por Tardelli (2023), mas ainda permitindo a imersão na perspectiva de Barbosa (2012) em sua conexão com o campo do design.

Retomando o caso investigado, os Warao, povo indígena majoritariamente localizado na Venezuela, não escolheram abandonar sua terra e vir conhecer o Brasil superficialmente. Eles vieram por necessidade, pois perderam seu território e, por isso, acreditamos que tenham características nômades de acordo com os autores indicados. Além disso, adotamos a palavra refúgio porque a maioria dos Warao que vivem na chácara em São Sebastião se encaixam na definição internacional de refúgio, conforme definida na convenção de 1951, e emendada pelo protocolo de 1967 (Artigo 1 da Convenção de 1951), apesar de não terem realizado o pedido formal de refúgio, segundo o coordenador do projeto. De acordo com o documento, o refúgio se refere a quem encontra-se fora do país de sua nacionalidade e, devido a um temor bem fundamentado de ser perseguido por motivos de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, é incapaz ou, devido a tal temor, não está disposto a recorrer à proteção desse país ou de retornar a ele.

3 Nomadismo e Design

Compreende-se o campo do design a partir da abordagem de Bonsiepe (2020), enquanto instrumento político para transformação sociocultural. Gui Bonsiepe é um designer alemão que trabalhou como consultor no governo Allende antes do golpe militar e um dos primeiros a tratar do design dentro do contexto de crises humanitárias e ambientais. Entende-se que, além sua visão

sobre o processo de design, a sua perspectiva sobre a responsabilidade ética e dos projetistas e sua relação com a democracia são estruturantes para as reflexões que seguem.

Além disso, a perspectiva ampliada da interface enquanto objeto de design (Bonsiepe, 1997) permite o entendimento do uso de objetos cotidianos enquanto artefatos culturais, intimamente ligados às atividades humanas em processos de significação, moldados pela linguagem e situados culturalmente. Portanto, reconhecemos a aproximação entre o diagrama Ontológico do Design (Bonsiepe, 1997) e a perspectiva histórico-cultural que concebe a ação mediada, oriunda dos estudos de Vygotsky (1978), Leont'ev (1981) e Engeström (1987), culminando na Teoria da Atividade. Ela é utilizada por diversos autores do campo do design para se descrever uma atividade humana com ênfase nas contradições presentes nas relações entre o artefato cultural, as pessoas que realizam a ação, suas motivações, dificuldades e o modo como se organiza em comunidade em uma perspectiva histórica.

Nesta abordagem, também se fazem pertinentes as contribuições de Barbosa (2009) sobre como as realidades diversas da vida ordinária permitem uma compreensão na perspectiva projetual. A partir da investigação de diversos casos de comunidades nômades, a autora sintetiza uma série de recomendações em formato de diretrizes projetuais que inspiram práticas mais sustentáveis. Inicialmente, é proposto que se deve evitar a importação de culturas ou comportamentos distintos em situações de projeto, que devem ser motivados por adaptações locais. Neste processo, deve-se buscar a informalidade na abordagem para que o excesso de regras não inviabilize soluções criativas. Ainda, as informações de pesquisa que estruturam a definição do problema de design devem ser disponibilizadas para todos os colaboradores, facilitando a sua apropriação em situações de projeto.

Ao longo dos casos estudados, a autora identifica que existem maneiras diversas e alternativas para se buscar segurança e abrigo no ambiente, e os modos de se adaptar a estas estruturas consistem em um conhecimento criativo que deve ser valorizado. Uma outra questão importante refere-se ao potencial regenerativo das soluções buscadas, enfatizando as soluções que envolvam manutenção de equipamentos que são levados consigo, por exemplo.

Também são valorizados os meios sustentáveis de se gerar energia e água, evitando-se os desperdícios. Ela sugere que sejam evitados equipamentos que dependam de energia elétrica de geradores que usem combustível fóssil. O tempo de durabilidade dos materiais deve ser combinado com o seu tempo de uso, de modo que possam ser utilizados com maior frequência materiais mais leves, como papelão ou mesmo o plástico reutilizado. Em especial em casos de atividades externas, o uso de serviços urbanos deve ser combinado com possibilidades de compartilhamento. Nestes contextos, a questão de se buscar um peso mais leve para os artefatos se mostra essencial.

Um aspecto que se destaca nos aprendizados descritos pela autora é a necessidade de se motivar a integração das pessoas para que haja colaboração. De modo geral, prioriza que a conectividade deve ser promovida em relações cooperativas, na qual estimula-se a troca entre os indivíduos. Portanto, partimos da perspectiva de que o campo do design aborda explicitamente as inovações socioculturais promovidas pela integração indissociável dos artefatos culturais às atividades humanas. Neste contexto, ao abordar o caso do grupo Warao situado em São Sebastião, os princípios apresentados por Barbosa (2009) podem guiar a investigação sobre a relação entre seus hábitos e os objetos de uso cotidiano, valorizando as soluções advindas das características nômades adquiridas pelo grupo, em uma busca por desvelar as relações entre a sua cultura e os seus artefatos.

4 Sobre o percurso dos viajeros Warao

A partir do conceito de nomadismo apresentado, Barbosa (2009; 2012) organizou o que intitulou “momentos do percurso cíclico que o nômade atravessa” (p. 27). Eles consistem em marcos importantes da trajetória de um grupo social, e podem ser utilizados para organizar o processo de significação próprio do grupo que se encontra em movimento. São eles:

1. Partir;
2. Reconhecer o local e reconhecer os outros;
3. Buscar os recursos;
4. Definir a duração;
5. Retornar.

Portanto, o que se propõe é a descrição dos momentos do percurso dos Warao de São Sebastião, buscando descrever as características de seus artefatos com suas atividades diárias, organizadas inicialmente pela perspectiva de Bruno (2000) sobre as categorias de objetos cotidianos, apresentada anteriormente.

4.1 A Partida

A primeira fase se refere à **partida**. Ainda de acordo Tardelli (2023), há muitas razões para a saída dos Warao para os centros urbanos e para outros países da América Latina. Segundo o autor, isso ocorreu no século XX: empreendimentos econômicos (exploração petrolífera, madeireira), desastres ambientais (Caño Manamo), epidemias (cólera). No entanto, cada grupo Warao deve ter sua história específica e, por isso, algumas das questões devem ser buscadas em campo sobre os Warao de São Sebastião, como: de qual região dos caños vieram originalmente? Onde foi a última parada do grupo, antes do Brasil? Como era a vida no caminho até aqui? Quantos anos levaram para chegar ao Distrito Federal? Em especial, sobre os artefatos cotidianos: O que carregaram no caminho? Quais objetos foram mais importantes para sobrevivência? Como viviam, em que tipo de alojamento? Como gostariam de construir suas casas nesse momento, no local em que habitam? Qual a percepção dos espaços que percorreram, as lembranças visuais?

Ao relacionar o espaço e tempo dos Warao com as perspectivas do campo do design, a autora elabora um paralelo entre o seu conceito de espaço com relação à proposição de Papanek (1995) sobre os *Inuit*, mais conhecidos como esquimós. Papanek afirma que eles são os melhores designers do mundo, pois sua bagagem cultural os permite desenvolver capacidades para a sua sobrevivência, com qualidades como poder de observação, memória, mimetismo e sensibilidade aos estímulos externos. Assim, eles adotam uma noção espacial diferenciada, o que resulta, por exemplo, em mapas com escalas corretas associadas às relações contextuais. Eles trabalham com a matéria de maneira primorosa, pensando no design como um ato, um processo (Barbosa, 2012).

Ainda sobre a questão do espaço, o responsável pelo projeto explicou que todos os animais das redondezas entram na chácara onde habitam. Eles não gostam de deixar o portão fechado, preferem acolher todos os animais que chegam, e os deixam ir quando querem. Aparentemente, conforme a perspectiva teórica apresentada, o espaço para eles não é bem definido, não tem “fora e dentro”. É como se não houvesse fronteiras, limite de espaço, como se estivessem sempre no

caminho. Assim, outra questão que advém do espaço enquanto mediador nas relações: O que os espaços urbanos significam para eles?

Eles têm os seus saberes e práticas ancestrais, seja nas manifestações materiais ou imateriais de sua cultura, o que preservam no caminho, enquanto “viajeros”. Deleuze e Guattari identificam a produção de conhecimento a partir das experiências como base da ciência nômade (Deleuze; Guattari, 1997, p. 27). Neste sentido, compreender quais são seus objetos de uso cotidiano se faz relevante para que se possa entender sua própria percepção de mundo.

Outro aspecto abordado por Barbosa neste primeiro capítulo sobre partir é a noção de casa, ou de habitação. No caso, ela fala sobre como a arquitetura vernacular permite a mobilidade, especialmente as tendas, e exemplifica as tendas como “teias têxteis”, explicando um pouco sobre as tendas Tuaregues, Beduínas, Yurts, Tipis, pois elas trazem um sentido de liberdade para os povos com características nômades de conexão com a natureza. Para eles, as paredes sufocam (Vázquez-Figueroa, 1988; Barbosa, 2012). Os Warao que vivem na chácara não usam os quartos, usam suas redes e se alojam coletivamente do lado de fora. Eles não gostam de ficar dentro dos quartos, dormem juntos nas redes, reforçando os princípios apresentados por Barbosa. Também não usam a cozinha, fazem um tipo de forno vernacular, de terra, onde cozinham coletivamente. Essa é outra informação comum aos Warao e outros povos citados no livro. Assim, o forno vernacular também é visto como um artefato do cotidiano importante para a mediação do espaço.

4.2 O Reconhecimento do Local e dos Outros

Para o segundo tópico, **reconhecer o local e conhecer os outros**, não é abordada a questão física do lar, mas de percepção subjetiva. Consiste no lar enquanto jornada, necessidade móvel, de encontrá-lo em outro local (Sennett, 2002; Barbosa, 2012). Por isso, para o estudo empírico, é importante compreender como eles se sentem no local que habitam hoje, as impressões que construíram sobre a cidade, se eles sentem que conseguem se expressar culturalmente nesse espaço, qual a sua relação com os vizinhos não-indígenas, tanto no momento atual quanto na sua chegada, e também como ocorreu a primeira interação com a população local. Assim, podem ser investigados os artefatos produzidos por eles, seja o artesanato para venda ou os equipamentos de apoio, como as placas que criaram para pedir no local. Estes objetos podem ser estudados enquanto mediadores da interação deles com a comunidade e a cidade.

Há, portanto, a questão da vida com a comunidade não indígena em São Sebastião, pois antigamente eles viviam na natureza e em harmonia com ela. Lá não existia o mesmo conceito de lixo, pois o que se usava era frequentemente orgânico, vinha diretamente da natureza. Contudo, hoje em dia, na cidade, a situação é diferente. A questão da limpeza também está presente na tese de Tardelli (2023), que fala sobre o ser humanos ser o objeto a ser modificado e controlado com práticas específicas que mudem seus hábitos. Ele cita especialmente a cartilha da UNICEF sobre o assunto que, segundo o autor, atualiza o conceito de higienismo com práticas cotidianas para “corrigir” esses corpos.

Todavia, uma das questões colocadas pelo representante da Cáritas é justamente o lixo. Ele argumenta que os Warao não têm o costume de jogar fora pacotes de salgadinho, ou mesmo roupas, no local adequado para descarte. Ao contrário do que aconteceria se estivessem em seu território de origem, isso pode se tornar um problema para a interação deles com a comunidade local. Não obstante, destaca-se que o objetivo do presente estudo não é o de solucionar essas questões, mas entender os seus significados na perspectiva do povo Warao, auxiliando que se

apropriem do entendimento das contradições com a comunidade local. O processo de significação e comportamento de interação deles com o lixo reciclável, como as roupas, também se insere nas categorias propostas por Bruno (2000) e se destacam enquanto objetos de investigação.

A questão do lixo traz consigo duas outras: a primeira, sobre a sua alimentação. Quando começaram o projeto com a Cáritas, havia crianças desnutridas, que só se alimentavam de *arepas*, refrigerantes e salgadinhos. Na série de vídeos Cultura imaterial Warao, organizado pela ACNUR, em um dos episódios, Alimento e cura, Leany Torres, liderança Warao em Boa Vista, relata que “nossos avós comiam apenas a comida de nosso território, tudo que estava na selva. A base de nossa alimentação é o pescado, derivado das águas. Nós, Warao, somos pescadores. Quando era pequena comia muito peixe porque meu pai era pescador”. Longe de seu território de origem e da possibilidade de pescar, eles adquiriram hábitos não saudáveis dos locais. É importante reconhecer o local em que vivem e os outros grupos sociais, mas de maneira que não os prejudique, o que é o caso da alimentação não saudável do homem branco. Assim, não apenas a qualidade nutricional do alimento e a sua origem, mas também as embalagens e utensílios utilizados para as refeições consistem em objetos de análise considerados pertinentes.

Ainda nesse segundo tópico, o lixo se refere também a roupas que jogam na chácara. Assim que recebem as novas doações, elas ficam espalhadas pelo terreno. Há uma questão com a proposta de ciência nômade ao produzir conhecimento com base em experiências humanas, citada anteriormente (Barbosa, 2012; Deleuze; Guattari, 1997). Talvez essas roupas não sejam parte da produção de sua experiência e, por isso, sejam tão facilmente descartáveis. Uma outra interpretação possível a ser feita se refere ao que eles sentem em relação às vestimentas, assim como se há possibilidade de ressignificação. Para que isso seja possível, é necessário o resgate sobre como o grupo compreende a questão, relacionando os seus conhecimentos originários às interpretações dos produtos industriais hoje disponíveis. A partir deste detalhamento, acreditamos ser possível identificar as contradições que levam aos conflitos e tensões descritos pela Cáritas.

Também é importante explicar que nessa chácara da Cáritas eles têm toda liberdade para jogar os pacotes de salgadinhos onde queiram, assim como as roupas. No entanto, para as pessoas que trabalham no local, é muito trabalhoso ter que pegar esses objetos todos os dias, criando-se assim tensões e desgastes.

É importante enfatizar como essa relação com o meio passa pelo sistema capitalista. Como os migrantes se mudam com a ideia de voltar, querem manter sua história e cultura. Com isso, não há interesse em lidar com as questões locais de modo mais duradouro. Para Teshome (2008), em entrevista a Barbosa (2012), a competição é a base do capitalismo. Em contexto de imigrantes, refugiados, exilados, é frequente a ideia de voltar para casa. Entretanto, é o modelo competitivo capitalista quem destrói essa ideia.

Para Tardelli (2023, p.29),

a expansão e a delimitação das fronteiras estatais estão diretamente vinculadas à acumulação capitalista. Não por acaso, uma grande parcela dos territórios indígenas no continente - percebidos por agentes estatais, militares e elites agrárias como espaços “vazios” - tem sido sistematicamente saqueada ao longo da história.

Ou seja, ambos autores corroboram que o capitalismo tem relação com esse processo de opressão e perdas que provocam deslocamento constante, seja ele intitulado ou não de nomadismo. Especialmente na relação com as fronteiras, cuja existência por si só é uma ação de necropolítica ao se considerar a história dos povos originários na América Latina.

4.3 A Busca por Recursos

O terceiro tópico, **buscar recursos**, fala sobre como realizar atividades cotidianas no percurso de viagem, o que de certa forma já está incluído no tópico anterior e, por isso, será adaptado para como eles captam recursos no presente momento. Assim, será abordado o trabalho deles, que é pedir dinheiro nas ruas de todo o Distrito Federal. Na tese de doutorado de Tardelli, isso também foi discutido. Para o autor, a percepção de que pedir é cultural, ou que eles se adaptaram e assim se tornaram uma sociedade coletora, não é corroborada pela própria comunidade, apesar de ser uma informação recorrente e mesmo publicada por outros antropólogos. Ao contrário, é simplesmente uma necessidade. Ainda mais importante, ele explica que acreditar que eles são coletores é deixá-los em um passado idílico sem realmente trabalhar com as questões que enfrentam na atualidade, o que nutre a prática colonialista (Tardelli, 2023).

No mesmo sentido, de acordo com Tardelli (2023), uma parte dos entrevistados pelo autor relatou que eles não gostam e sentem vergonha deste processo, a que o autor classificou como prática infernal, pois limita as ações políticas da comunidade e não permite que resistam ao sistema capitalista. No caso, o autor exemplifica o problema das crianças que não conseguem ir às escolas porque não tem quem as leve, os pais precisam ir para as ruas pedir e não conseguem levar as crianças.

Com relação ao que é trabalho para os Warao, Tardelli (2023) também explanou a questão: a palavra *yaota*, em Warao, pode significar trabalho, mas para eles trabalho se refere a uma atividade que haja um gasto físico, como pesca, plantação, caça, limpar uma casa. Assim, como pensar a integração laboral deles em uma sociedade essencialmente capitalista, sendo que a concepção de mundo dos Warao é diferente? É necessário cuidado ao abordar essa questão para realmente trazer algo que seja significativo para eles e que respeite a sua percepção de mundo. Tardelli também relata que há conflitos advindos dessa prática com as comunidades não-indígenas, que ou os colocam em um patamar inferiorizado, ou de estranhamento, de não pertencimento ao local em que estão (Tardelli, 2023).

Com a informalização do trabalho, infelizmente há a normalização do excesso de pequenos trabalhos sem carteira assinada, como é o caso dos Warao. Para eles, a única alternativa de trabalho é pedir nas ruas. Também é importante analisar essa perspectiva do trabalho informal, pois muitos trabalhadores vivem um trabalho nômade na atualidade por ser a única opção de sobrevivência (Barbosa, 2012).

Durante esse percurso, outra questão importante é justamente sobre as crianças que acompanham os pais. Isso também foi coberto pelo Gabriel Tardelli, que argumenta três pontos principais. Em primeiro lugar, na cultura Warao o cuidado com as crianças é de responsabilidade das mulheres. Como são elas que normalmente são bem-sucedidas no recebimento de dinheiro nos faróis, elas participam ativamente dessa prática. Como precisam cuidar das crianças, elas as levam. Em segundo lugar, uma mulher com uma criança de até dois anos consegue receber até duas vezes mais que uma mulher sozinha. Em terceiro lugar, mesmo matriculando as crianças nas escolas, é difícil para os pais conseguirem levá-las, o que acarreta faltas constantes. Durante as entrevistas, Tardelli percebeu que há preocupação com a segurança das mulheres durante essa atividade (Tardelli, 2023). Consequentemente, fica evidente que essa não é uma atividade cultural ou de desejo dos Warao.

O caminho dos Warao, de acordo com uma oficina feita por Tardelli, também não é fácil. Uma das jovens que participou da oficina, Adriana Lira, disse que “seu povo tem seguido um longo

caminho, mas sem necessariamente saber o destino” e, no mesmo texto, são relatadas questões de violência policial no Brasil e na Venezuela. Também foi falado sobre a falta de banheiros nas habitações para as famílias (Tardelli, 2023), o que certamente piora a sua qualidade de vida. Aparentemente, eles não trouxeram muitos objetos na viagem, que com frequência aparenta ser precária em termos sanitários, alimentares, e mesmo de proteção para as famílias. Entender essa percepção com os artefatos do cotidiano do caminho que traçaram é importante para a análise e para a cartografia de controvérsias, além de abrir a possibilidade para uma eventual colaboração na reconfiguração de algum de seus objetos de uso cotidiano.

Atualmente, os Warao que vivem na chácara em São Sebastião estão sendo ameaçados por grileiros que querem construir no espaço. A violência contra os Warao, mesmo saindo da Venezuela, ainda não acabou. Também queremos trazer essa complexa questão para o mapa de controvérsias e para nossas conversas com eles.

Nesse terceiro tópico, também nos apoiamos na categorização de Ernani da Silva Bruno, professor de história social da USP, proposta em Equipamentos da Casa Brasileira - Usos e Costumes, para uma visualização mais ampla dos objetos usados no caminho para dormir, descansar e trabalhar. O autor classifica a função de determinados equipamentos e instrumentos segundo o cotidiano humano de acordo com as seguintes finalidades: repouso e religiosidade, trabalho, sociabilidade, entretenimento, alimentação, armazenamento, higienização, segurança. Assim como sugerido por Barbosa (2012), as atividades cotidianas podem ser abordadas a partir dos equipamentos utilizados. Por isso, ao se integrar as duas propostas na cartografia de controvérsias, os equipamentos e instrumentos também se tornam atores (ou actantes) presentes na rede.

Novamente, esta perspectiva se assemelha à Teoria da Atividade (Engeström, 2001), na qual os seres humanos utilizam artefatos enquanto estímulos mediadores para agirem no mundo. Esta é uma perspectiva especialmente relevante para o campo do design, pois além de situar os artefatos humanos em atividades, ela se conecta à própria definição de Bonsiepe (1997) para o campo do design, conforme proposto em seu Diagrama Ontológico.

Retomando o contexto da pesquisa, a perspectiva de classificação adotada por Barbosa (2012), que relata tanto as atividades quanto instrumentos utilizados, também mostra a precariedade do caminho dos Warao. É parte da pesquisa entender quais desses itens eles consideram necessários durante o caminho, e como realizam essas atividades, conforme sugerido anteriormente.

4.4 O Tempo de Percurso

O quarto item, **definir a duração**, tem por objetivo a discussão do tempo do percurso, da experiência que eles têm sobre o próprio tempo. Os nômades frequentemente criam redes de relação entre famílias. Barbosa (2012) cita o caso dos ciganos. Por não possuírem uma dependência com os padrões de controles estatais, a sua organização social constitui uma rede que os remove da condição de não cidadãos e permite que sejam amparados em outras localidades. Uma situação similar ocorre com os Warao: enquanto na Venezuela eram cidadãos, apesar disso não se efetivar em direitos de fato, no Brasil não são considerados cidadãos, apesar da possibilidade de requerimento de refúgio. Quanto à rede de apoio, Tardelli afirma que “há uma rede de laços de reciprocidade, parentesco, trocas, informações, objetos, recursos, que se espalha por quase todo o território brasileiro e pelas suas comunidades de origem na Venezuela” (Tardelli, 2023, p.261).

Portanto, assim como os ciganos e outras comunidades “viajeras”, os Warao mantêm uma rede de proteção pelo Brasil. Uma questão de estudo se refere a entender como as redes de proteção funcionam, como se ajudam mesmo à distância, se existe alguma relação entre a escolha do destino e o local em que outros companheiros Warao já se encontram. Este pode se tornar um componente importante para ser expresso no processo de significação do grupo com o seu território atual, a ser expresso via cartografia. Destaca-se que, para se pedir refúgio no Brasil, é preciso renovar o protocolo relacionado a cada seis meses, o que a maioria dos Warao não faz por falta de acesso a internet e de conhecimento sobre o sistema. Com isso, não conseguem se legalizar no Brasil, receber os direitos que teriam acesso enquanto refugiados.

Com relação ao tempo, que é outro tópico do livro de Barbosa, o tempo “viajero”, nômade, tem relação com o tempo da natureza, “os elementos de memórias e duração ocorrem como uma continuidade que prolonga o passado no presente” (Barbosa, 2012, p. 308-309). Outro tópico de estudo seria justamente a memória e os deslocamentos: já vimos que as mudanças dos Warao estão relacionadas a diversos fenômenos sociais, políticos e ambientais, mas quais são os impactos dessas mudanças na memória coletiva, na transmissão cultural material e imaterial? A própria cultura material e imaterial é compreendida enquanto patrimônio importante para um povo, mas precisa se relacionar à sua memória. Neste sentido, os artefatos cotidianos se configuram como registros disponíveis no contexto de um povo que possui tradição essencialmente oral.

Afinal, “a voz é nômade, enquanto a escrita é fixa” (Zumthor, 2005). No tempo “viajero”, passado, presente e futuro se fundem (Louekari, 2000). Assim, os Warao que habitam a chácara em São Sebastião celebram a vida e morte durante três dias, seja para nascimento ou morte. No entanto, essa não é uma prática originária, e sim ensinada pelos religiosos católicos (Tardelli, 2023, p. 74). Segundo o responsável da Cáritas pelo projeto, essa prática costuma gerar violência conjugal. A questão seria: como indagar sobre a vida e a morte com uma visão atemporal da história?

4.5 O Retorno

No quinto e último módulo da jornada, o objetivo seria **retornar**. A autora pensa nos tipos de habitação para situação de refúgio, catástrofes ambientais etc. No caso, esse módulo foi adaptado para questionar se há a intenção de retornar à Venezuela, que tipo de material gostariam de usar para moradia no caminho, se pensam em sair de onde estão vivendo no momento, se há algum outro local que desperte o desejo deles.

Ainda sobre o espaço, na Teoria Ator-Rede (Latour, 2012) há igualdade entre os atores, sejam estes humanos ou não e, por essa razão, justifica-se o uso desta base teórica antropológica porque para os Warao também não existe essa diferença entre “eles” e a natureza. A natureza não é objetificada. Ao contrário, é vista como um ser vivo. Por isso, considera-se relevante compreender qual a relação dos Warao com a natureza no local atual em que estão vivendo, pois é bem diferente dos *caños* que definem sua identidade e até seu nome, pois Warao se refere às canoas que usavam nos rios da Venezuela, na região de Orinoco.

Neste sentido, existem conceitos pertinentes na teoria para abordar o caso dos Warao, como o conceito de simetria, que enxerga justamente a questão da natureza dos atores, em que humanos e não humanos são vistos com igualdade durante a análise. Esse conceito é justificado por Latour (1994) a partir de outro conceito, a hibridação das relações, em que graças as mediações que ocorrem entre os atores, os resultados das associações são transformações heterogêneas.

De certa forma, a teoria busca as respostas no movimento, pois busca o que há nas conexões, no movimento, nas redes desses atores, e não no que há de estático nesses atores. Essas redes são chamadas por ele de redes sociotécnicas, não buscam a ação de um ou outro ator, mas as estruturas sociais que os conectam. Tendo em conta que os Warao se encontram enquanto “povo viajero”, esses conceitos são muito úteis para entender mais sobre as suas relações.

No entanto, ainda é necessário discutir a assimetria de poder que há entre os homens brancos e indígenas depois de tantos anos de colonização e colonialismo, por isso é importante trazer outras teorias que esclareçam essa questão, como a tese de doutorado de Gabriel Tardelli, já citada, e a teoria política relacional, que busca no contexto respostas para as relações sociais (Goodin; Tilly, 2008).

Um exemplo importante de uso da teoria e que será adotado pela maneira como estrutura a rede sociotécnica de forma visual (para cartografia) e também política, é o método cartográfico indisciplinar (Lopes; Rena; Sá, 2019). Ele consiste em uma forma de estruturar visualmente a Teoria Ator-Rede. Assim, sugerimos a adoção das cinco fontes de incertezas de Latour (2012) citadas pelas autoras: (1) Não há grupos, apenas formações de grupos, “o que indica a necessidade de se mapear as controvérsias em torno dessas formações”; e Latour sugere identificar os porta-vozes da formação do grupo, anti-grupos, vínculos compartilhados e fronteiras estabelecidas. (2) A ação é assumida, “o ator está submetido a forças de poder presentes na rede, mas também interfere nessa rede. Trata-se, pois, de um conceito relacional do que seja ator”. (3) Os objetos também agem, “qualquer coisa que modifique uma situação fazendo diferença também é um ator”. (4) Questão de fato vs interesse. (5) Escrever relatos de risco, “prestar atenção renovada ao número de realidades heterogêneas que entraram na fabricação de certo estado de coisas”.

Todas essas questões históricas que geram tensões e contradições devem ser abordadas e destacadas nas etapas de levantamento empírico. Elas devem fomentar a construção da cartografia de controvérsias, utilizada para registrar a compreensão sobre o fenômeno da situação atual dos Warao em São Sebastião a partir de sua própria perspectiva.

No quesito visual, Lopes, Rena e Sá (2019) criaram cinco modelos de diagramas para cada etapa do processo, os quais também iremos usar para essa formulação. No primeiro diagrama, é analisada a questão de fato vs interesse, a qual é considerada como a soma dos eventos com a narrativa. Já na formação de grupos, é contabilizado o ator humano, as conexões e formações, que foram retirados das narrativas no primeiro diagrama. O terceiro diagrama insere os atores não-humanos na equação, somando com as conexões entendidas no segundo diagrama e arranjos.

5 Considerações

Esse texto investiga uma abordagem teórica que permita entender um pouco mais sobre o percurso dos Warao com uma perspectiva do design enquanto artefato cultural, ao mesmo tempo que elabora questionamentos antropológicos para etapas posteriores de levantamento etnográfico. Para tanto, a situação do grupo Warao de São Sebastião é abordada à luz do trabalho de Tardelli (2023). Esse texto demonstra a possibilidade de trabalho anticolonialista e que integre perspectivas do design e antropologia para a criação de visualidades que representem as questões enfrentadas pelas comunidades e, caso desejado pelas próprias comunidades, de ações específicas no próprio ambiente ou na reconfiguração direta de algum de seus artefatos.

Ao situar a pesquisa no campo do design, são abordados os objetos cotidianos do grupo

enquanto artefatos culturais moldados pela sua história, em constante adaptação com o seu território atual. Neste processo, tensões, conflitos e contradições são acumuladas historicamente, mas também são capazes de prover novos olhares os equipamentos de uso cotidiano. Neste sentido, é adotada a proposta de Barbosa (2009; 2012), que investiga as relações entre nomadismo e design, propondo princípios que podem orientar as práticas projetuais em uma nova perspectiva. Entende-se que o corpo teórico abordado permite uma investigação etnográfica posterior com uma orientação mais adequada tanto ao contexto social do grupo em questão quanto ao campo do design.

O que se espera enquanto principal contribuição é a compreensão sobre como lidar com questões tão globais e que assolam não apenas essa comunidade, mas diversas comunidades imigrantes que precisam lidar com a interculturalidade. Por isso, considera-se importante o entendimento deste cenário nacional, em que temos milhares de imigrantes e requerentes de refúgio todos os anos. Existe a possibilidade construção de conhecimento a partir do levantamento das questões apresentadas na perspectiva dos próprios Warao, evidenciando-se as suas contradições.

Além disso, a pesquisa compreende o campo do design com abordagem mais ampla, que engloba o processo de significação dos artefatos cotidianos como sua parte inerente, associando-o ao que é considerado ser humano. Esta abordagem pode contribuir futuramente para construção de artefatos mediadores que auxiliem no compartilhamento destes entendimentos e, quem sabe, até contribuir indiretamente para atenuar alguns conflitos de convivência com a população local, como, por exemplo, na questão do lixo apresentada.

6 Referências

- BARBOSA, Lara Leite. **Design sem fronteiras: a relação entre o nomadismo e a sustentabilidade**. 2009. Diss. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.
- BARBOSA, Lara Leite. **Design sem fronteiras: a relação entre o nomadismo e a sustentabilidade**. São Paulo: EDUSP, 2012.
- BONSIEPE, Gui. **Design, cultura e sociedade**. Editora Blucher, 2020.
- BONSIEPE, Gui. **Design do material ao digital**. Florianópolis: FIESC/IEL, 1997.
- BRUNO, Ernani Silva. **Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira: Costumes**. EdUSP, 2000.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Tratado de Nomadologia: a máquina de guerra**. Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia, vol.5. São Paulo: Editora 34, 1997.
- ENGESTRÖM, Y. Expansive learning at work: toward an activity theoretical reconceptualization. *Journal of Education and Work*, London, v. 14, n. 1, p. 133–156, 2001.
- ENGESTRÖM, Y. **Learning by Expanding: An Activity-Theoretic Approach to Developmental Research**. Helsinki: Orienta-Konsultit Oy, 1987.
- GABRIEL, T. H. **Depoimento à autora e a Marília Cecília Loschiavo em Los Angeles**, 7 de fevereiro de 2008.
- GOODIN, Robert E.; TILLY, Charles (eds.). **The Oxford handbook of contextual political analysis**. OUP Oxford, 2008.

- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- LATOUR, B. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador/Bauru, São Paulo: Edufba/Edusc, 2012.
- LEONT'EV, A. The problem of activity in psychology. In: WERTSCH, J. (Ed.). **The concept of activity in Soviet psychology**. Armonk, N.Y.: M.E. Sharpe, 1981.
- LOPES, M. S. B.; RENA, N. S. A.; SÁ, A. I. **Método Cartográfico Indisciplinar: da topologia à topografia do rizoma**. VIRUS, São Carlos, n. 19, 2019.
- LOUEKARI, Martta. **The time and space in nomadic culture**. Glasgow: Glasgow School of Art, 2000.
- RAMOS, Alcida Rita. **Por falar em paraíso terrestre**. Série Antropologia, Brasília, n.191, 1995.
- ROSA, Marlise; TARDELLI, Gabriel; ROA, Sebastian (orgs). **Os Warao no Brasil: Contribuições da Antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes**. 2. ed. Brasília: Agência da ONU para Refugiados - ACNUR, 2024.
- TARDELLI, Gabriel. **Entre o poder colonial e a razão humanitária: sobre modos de gestão da população warao**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília: Brasília, 2023, 384p.
- TARDELLI, Gabriel. **Os caminhos dos Warao: configurações dos deslocamentos entre Venezuela, Brasil e Guiana**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 341, jan./abr. 2023.
- VÁZQUEZ-FIGUEROA, A. **Tuareg**. Porto Alegre, L&PM, 1988.
- VYGOTSKY, L. S. **Mind in society: Development of higher psychological processes**. [S.l.]: Harvard university press, 1978.
- ZUMTHOR, Paul. **Escritura e nomadismo: entrevistas e ensaios**. Königshausen & Neumann, 2005.